

6-1-2015

A Análise Do Discurso No Brasil

Lauro José Siqueira Baldini

Mónica Graciela Zoppi-Fontana

Follow this and additional works at: <http://scholar.oxy.edu/decalages>

Recommended Citation

José Siqueira Baldini, Lauro and Graciela Zoppi-Fontana, Mónica (2014) "A Análise Do Discurso No Brasil," *Décalages*: Vol. 1: Iss. 4. Available at: <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/22>

This Pecheux Dossier is brought to you for free and open access by OxyScholar. It has been accepted for inclusion in *Décalages* by an authorized administrator of OxyScholar. For more information, please contact cdla@oxy.edu.

A Análise do Discurso no Brasil

Lauro José Siqueira Baldini¹

Mónica Graciela Zoppi-Fontana²

“*Nossas relações são antigas*”, diz Jacques Lacan em 1963, numa carta a Louis Althusser. O mesmo se pode dizer das relações entre Análise de Discurso e Brasil (e de como esses dois nomes próprios atravessam as relações que Michel Pêcheux procurava estabelecer). E aqui a palavra a ser ressaltada é a palavra “relação” para não incorreremos na perspectiva da “recepção de um autor”, perspectiva essa que, ao reduzir os efeitos de um autor ao modo como ele é “recebido” numa dada conjuntura e localidade, produz o efeito de uma obra acabada que entra em contato com novas terras... Discurso de colonização?

Como salienta Orlandi (2005), trata-se de pensar como Brasil leu Pêcheux, e não como o recebeu. Isto é, quais foram as relações estabelecidas entre pesquisadores brasileiros e a obra de Pêcheux? Além disso, trata-se de pensar, segundo a mesma autora, que “*o trabalho realizado no Brasil teve um retorno sobre o trabalho na França*”³, o que implica pensar numa relação de mão dupla quando se relacionam a análise de discurso em diferentes territórios, como é o caso do Brasil e da França. Outro traço fundamental a ser enfatizado, ainda segundo Orlandi, é que

No Brasil há uma relação de “consistência histórica”, sem solução de continuidade, entre o que se chama Análise de Discurso e sua institucionalização. Não é o caso na França. Pêcheux e o grupo de pesquisadores responsáveis pelas elaborações teóricas que fundam esse campo disciplinar não “coincidem” hoje com os que se autodenominam analistas de discurso da escola francesa e que atualmente institucionalizam a prática do que chamam análise de discurso. Por outro lado, há a sobrevivência de fundamentos daquela filiação teórica em pesquisadores que não se incluem no que, hoje, se chama análise de discurso da escola francesa, embora tenham sido afetados por esta filiação.⁴

¹ Docente do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

² Docente do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

³ Orlandi, *A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*, pg. 12.

⁴ Idem, pg. 15.

De qualquer maneira, o Brasil é um dos países em que mais se desenvolvem, com vitalidade e originalidade, estudos no campo da Análise de Discurso, especificamente no enfoque filiado aos trabalhos de Michel Pêcheux⁵. A presença no Brasil da Análise de Discurso (doravante AD) de inspiração pecheuxteana é constante e marcante desde o fim dos anos 70 e se encontra atualmente amplamente difundida nos diversos Estados do país, com importante produção bibliográfica e incessante produção de trabalhos acadêmicos em nível de mestrado e doutorado.

Os dados e questões que apresentamos neste artigo centram seu interesse no enfoque materialista dos estudos discursivos, que se reconhecem nos trabalhos iniciados por Michel Pêcheux e colaboradores, na França, entre os anos de 1966 e 1983, e que, no Brasil, encontram sua figuram mais representativa na figura de Eni Puccinelli Orlandi.

Por iniciativa desta pesquisadora, a Análise de Discurso é disciplina obrigatória dos cursos de Graduação em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) desde o início da década de 80, além de se colocar, na mesma época, como uma linha de pesquisa para a realização de dissertações de mestrado e teses de doutorado no curso de Pós-graduação em Linguística da mesma universidade, no qual se formaram várias gerações de pesquisadores que atuam hoje em diferentes instituições de ensino superior no Brasil e no exterior.

Os trabalhos que adotam este enfoque discursivo se inscrevem em um marco epistemológico que reconhece na Linguística, na Psicanálise e no Materialismo Histórico seus fundamentos teóricos. É possível caracterizar essa aposta teórica, que rompe com os pressupostos teóricos das Ciências Humanas e Sociais da época, a partir das palavras de Michel Pêcheux, num artigo publicado inicialmente em alemão em 1984 e recentemente traduzido para o português:

Nosso empreendimento supõe, parece-me, levar a sério a noção de *materialidade discursiva* enquanto nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as “mentalidades” de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científico, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura dada [...] Se trata de considerar que as formas discursivas

⁵ Retomamos parcialmente a seguir o nosso prefácio ao número 24 da revista *Signo & Seña*, que inclui um dossiê sobre Análise de Discurso no Brasil (cf. Zoppi Fontana, 2013).

nas quais aparecem os “objetos” [...] são sempre conjunturalmente determinadas como objetos ideológicos; nem universais históricos, nem puros efeitos ideológicos de classe, esses objetos teriam a propriedade de ser ao mesmo tempo idênticos a eles mesmos e diferentes deles mesmos, isto é, de existir como uma unidade dividida, suscetível de se inscrever em um ou outro efeito conjuntural, politicamente sobre-determinado. [...]. Isto suporia que não há, de início, uma estrutura sêmica do objeto, e em seguida aplicações variadas dessa estrutura nesta ou naquela situação, mas a referência discursiva do objeto já construída em formações discursivas (técnicas, morais, políticas...) que combinam seus efeitos com efeitos de *interdiscurso*.⁶

O conceito de *interdiscurso*, articulado aos conceitos de *formação discursiva*, *formação ideológica* e *acontecimento discursivo* constituem o núcleo conceitual que permite a compreensão teórica e a descrição analítica da determinação histórica dos processos de significação e da constituição do sujeito do discurso. Saussure, Lacan e Althusser são os três grandes nomes que balizam a construção da teoria da Análise de Discurso desenvolvida por Michel Pêcheux e seus colaboradores; o elemento crucial desta construção se encontra na crítica bem fundamentada e feroz a uma concepção psicossocial ou biológica do sujeito e a uma abordagem pragmatizante da língua, que reduza o discurso a uma planificação estratégica de um sujeito intencional em situação de interação comunicativa. O estatuto histórico e ideológico do sentido, do sujeito e das diversas materialidades significantes é constitutivo do *discurso*, definido como *efeito de sentido entre locutores*. Por sua vez, o sujeito do discurso é compreendido como estruturalmente dividido, efeito de um processo de interpelação-identificação ideológica pelo qual se constitui no interior de diferentes *formações discursivas*, a partir das quais se reconhece na evidencia de sentidos estabilizados como já-dito no *interdiscurso*. Estes conceitos encontram sua forma mais elaborada e sua articulação mais orgânica no livro *Les vérités de la Palice*, publicado em 1975⁷. Para uma apresentação sumária deste enfoque discursivo, é importante incluir aqui um fragmento amplamente citado nos trabalhos da área:

⁶ Pêcheux, *Metáfora e interdiscurso*, pg. 151-158.

⁷ A edição brasileira, com o título “Semântica e Discurso”, com anexos inexistentes na edição francesa, é de 1988.

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas tomam seus sentidos em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* [...] Chamaremos então *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). Isto significa colocar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seus sentidos da formação discursiva na qual são produzidas [...] ⁸

A Análise de Discurso filiada a Michel Pêcheux encontrou na Universidade Estadual de Campinas e nos trabalhos de Eni Orlandi e seus colaboradores ampla repercussão e difusão⁹. Os trabalhos produzidos se caracterizam por realizar contribuições originais à teoria em vez de simplesmente reproduzi-la. Neste sentido, a reflexão e as análises desenvolvidas por Orlandi sobre o funcionamento discursivo do silêncio¹⁰ constituem um avanço teórico notável, assim como são abundantes os trabalhos sobre materialidades audiovisuais e midiáticas, sobre o espaço urbano e a divulgação científica, sobre o corpo e processos de subjetivação contemporâneos e sobre a gramatização brasileira. No Brasil, desde o início as análises discursivas exploraram e descreveram *corpora* de natureza diversa e heterogênea, não se reduzindo ao campo do discurso político, nem à linguagem verbal. Seria impossível traçar um panorama completo dos trabalhos da área. Convidamos o leitor a navegar pelas páginas institucionais de alguns grupos de trabalho, laboratórios, revistas, associações científicas e eventos para desenhar por si mesmo um

⁸ Pêcheux, *Semântica e Discurso*, pg. 160-161.

⁹ Vale lembrar, aqui, os trabalhos, na década de 70, de Carlos Henrique Escobar, e de Célio Garcia, cuja aluna, Maria Emilia Amarante Torres Lima, foi em 1973 fazer um doutorado com Michel Pêcheux. Por diversas razões, tais autores, no entanto, não conduziram a Análise de Discurso a uma institucionalização e a uma disciplinarização consistentes, nem foram responsáveis pela formação de pesquisadores que atuassem de forma relevante na área de Análise de Discurso.

¹⁰ Cf. Orlandi, *As formas do silêncio*.

mapa da vitalidade atual da área. Sem ser exaustivos, remetemos ao anexo ao final deste trabalho.

A variedade temática e os diversos recortes em termos de objetos de pesquisa contribuem para mostrar a intensa vitalidade e originalidade desta corrente de estudos da linguagem e sua pertinência e potência para a análise da relação da linguagem com os processos históricos de constituição do sentido e do sujeito. Também nos apontam para o compromisso fundante desta abordagem discursiva, que considera necessária e desejável a conjunção da teoria e da prática política, aliando o rigor da descrição analítica ao vigor de uma tomada de posição explícita pela transformação política da sociedade.

ANÁLISE DE DISCURSO E IDEOLOGIA

Conforme Pêcheux, uma teoria materialista dos processos discursivos deve não só denunciar as evidências que constituem a filosofia espontânea das práticas científicas de cunho idealista, mas deve, também, construir suas próprias categorias conceituais para poder intervir na luta teórica (propondo uma descrição/interpretação materialista do funcionamento simbólico das práticas sociais e políticas) e na luta política (fornecendo elementos para compreender e, portanto, interferir nos processos de identificação/subjetivação que constituem os sujeitos coletivos das práticas políticas proletárias)¹¹.

Uma tese, longamente desenvolvida no livro *Semântica e Discurso (La Verité de la Palice)* (1975[1988]), permite essa construção teórica e política; trata-se da relação língua/ideologia, que podemos apresentar resumidamente como segue¹²:

As contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que os “processos discursivos” mantêm, necessariamente, entre si, na

¹¹ “Intervir filosoficamente obriga a tomar partido: eu tomo partido *pelo* fogo de um trabalho crítico... Essa tomada de partido obriga a discernir as posições que, no campo da batalha filosófica, precisam urgentemente ser abandonadas daquelas posições que, mais do que nunca, é importante ocupar e defender, sob a condição de que sejam ocupadas e defendidas *de um modo diferente*. É uma questão de precisão: a luta filosófica (luta de classes na teoria) é um processo sem fim de retificações coordenadas, que se sustentam pela urgência de uma posição a ser defendida e fortalecida frente ao que se poderia chamar a adversidade no pensamento. E é assomando a essa ‘linha de maior inclinação’ que a filosofia toca especificamente o real” (PÊCHEUX, 1975[1988], p. 294)

¹² Retomamos aqui considerações feitas no nosso trabalho sobre a natureza paradoxal dos objetos discursivos; cf. Zoppi Fontana (2005).

medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classes (PÊCHEUX, 1975[1988], p.93).

Tese da autonomia relativa de língua e da determinação histórica dos processos de produção do sentido, que nos permite compreender o funcionamento da língua na interpelação ideológica através dos efeitos de pré-construído e sustentação/articulação dos enunciados (e, conseqüentemente, analisar o funcionamento das representações na constituição do sujeito do discurso, ou, como diz Althusser -citado por Pêcheux- compreender como os sujeitos marcham sozinhos, isto é, por si mesmos).

Fazendo trabalhar o conceito de contradição na análise e, conseqüentemente, na teoria, Pêcheux produz uma reflexão sobre o conceito de ideologia.

Assim, do lado da teoria das ideologias, todo o problema consiste em pôr a trabalhar a categoria marxista de contradição, aquilo que se designa frequentemente através da fórmula “o primado da contradição sobre a unidade dos contrários”(op.cit., p.21)

Nesse sentido, Pêcheux avança uma crítica sobre os conceitos de ideologias dominantes e ideologias dominadas, crítica que culmina na afirmação do caráter paradoxal destes conceitos.

A superposição de dois mundos materialmente separados por fronteiras estáveis e visíveis deu lugar à divisão interna de um único e mesmo universo, atravessado por uma fronteira instável e sutil, cuja invisibilidade lhe garantiu a eficácia; [... o que permite concluir que] as ideologias dominadas se formam *sob* a dominação ideológica e *contra* ela, e não em um “outro mundo”, anterior, exterior ou independente. (op.cit., p.16; grifos do autor).

Assim, pensar diferentemente a relação das ideologias dominantes e dominadas coloca em termos novos a questão das práticas de resistência e de revolta, consideradas como “falha, desmaio ou rachadura” nos rituais de interpelação ideológica. Isto implica necessariamente não “cegar-se ante o fato de que toda dominação ideológica é antes de tudo uma dominação interna, quer dizer, uma dominação que se exerce primeiramente na organização interna das próprias ideologias dominadas” (ibidem).

Em seu texto tardio *Ideologia: aprisionamento ou campo paradoxal* (1983[2011]), Pêcheux afirma:

[Trata-se] de conceber a resistência, a revolta e a tendência revolucionária dentro da ideologia como rupturas *internas* do processo de assujeitamento e de interpelação. A principal ideia aí defendida é que a ideologia dominante não é jamais dominante sem contradição; que não haverá jamais *qualquer* ritual ideológico sem falhas; e que estas múltiplas falhas são, de fato, o espaço para a constituição das ideologias *dominadas*. Estas não são nem um simples reflexo da ideologia dominante na ideologia dominada nem um germe independente *sui generis*. (PÊCHEUX, 1983, p. 32; grifos do autor)

A mesma crítica aparece desenvolvida no texto *Remontons de Foucault à Spinoza* (1980[1990]):

O *Traité des autorités théologique et politique* de Espinosa mostra que o “axioma da identidade” não se aplica ao objeto *ideologia*; e toda a prática da luta de classes sobre o terreno da ideologia vem confirmar isto: uma ideologia não é idêntica a si mesma, ela só existe sob a modalidade da divisão, ela só se realiza na contradição que organiza nela a unidade e a luta dos contrários. (op.cit., p. 255)

Trata-se de pensar, então, a propósito da ideologia, a *contradição de dois mundos em um só*, pois conforme afirma Marx, “o novo nasce no antigo”, afirmação que foi reformulada por Lênin como “O Um se divide em dois” (op.cit., p. 257-258).

Do materialismo histórico na sua leitura althusseriana Pêcheux toma e reformula a noção de ideologia na sua relação constitutiva com a língua e o sujeito. Como veremos em seguida, essa relação é posta pela figura da interpelação ideológica. Porém, para Pêcheux, só é possível compreender o funcionamento ideológico em termos de *contradição*. Para nós, esta é uma contribuição fundamental deste autor para o estudo do discurso, porque é atentando para o funcionamento da língua na luta ideológica -nas suas contradições- que podemos trabalhar teórica e politicamente as formas diversas de resistência.

ANÁLISE DE DISCURSO, HISTÓRIA E PSICANÁLISE

Uma teoria materialista do discurso, dissemos, e era o que propunha Pêcheux. Além disso, uma teoria que se anunciava num lugar problemático: uma Tríplice Aliança entre Freud, Marx e Saussure. De fato, uma aliança entre uma certa leitura de Marx, via

Althusser, uma certa leitura de Freud, via Lacan, e uma certa leitura de Saussure, via Foucault e o próprio Pêcheux¹³. Leituras, a nosso ver, que implicam pensar o social e o simbólico como instâncias que não podem ser concebidas sem relação uma com a outra, embora o entendimento de cada uma destas categorias e mesmo a relação entre elas possa variar bastante segundo a perspectiva adotada. Leituras, ainda, que Pêcheux procurava relacionar, sem nunca pretender homogeneizar ou reduzir uma à outra.

De qualquer maneira, o que permanece como ponto central das relações que Pêcheux procura estabelecer entre Análise de Discurso e outros campos do saber, é o reconhecimento da materialidade discursiva como ponto em que confluem questões que interessam a diferentes disciplinas. Os conceitos de língua, história, inconsciente e sujeito organizam o projeto de Pêcheux de uma análise histórica dos processos de determinação do sentido.

Vejam, por exemplo, como Pêcheux, em 1975, articula o panorama conceitual da Análise de Discurso:

Ele reside, a nosso ver, na articulação de 3 regiões do conhecimento científico:

- 1) O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
- 2) A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
- 3) A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

¹³ A relação entre Pêcheux e Foucault é bastante contraditória e conflituosa e não há espaço para tratar disso aqui. Lembremos, brevemente, que em vários momentos, Pêcheux utiliza conceitos de Foucault, reorientando-os segundo sua perspectiva teórico-política. Em pelo menos um texto, Pêcheux (1978) se posiciona a esse respeito ao dizer que os processos de individualização descritos por Foucault poderiam colocar “à mostra o processo de individualização – normatização no qual diferentes formas de violência do Estado assujeitam os corpos e asseguram materialmente a submissão dos dominados” (p. 302), mas se e somente se Foucault fosse retificado em seu embaraço com relação à Psicanálise e o Marxismo. Ainda segundo Pêcheux, as descrições de Foucault, que desmontam as múltiplas engrenagens pelas quais somos organizados, submetidos, arranjados, exercitados, em uma palavra, dominados, trazem “uma contribuição importante para as lutas revolucionárias de nosso tempo, mas simultaneamente, ele a torna obscura, ficando inapreensíveis os pontos de resistências e as bases da revolta de classe” (idem). Para o autor, não há como distinguir em Foucault “os processos de assujeitamento material dos indivíduos humanos e os procedimentos de domesticação animal” (idem), o que ele chamará de “biologismo larvado”. A esse respeito, o artigo de Montag (1995) sobre a relação entre *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*, de Althusser, e *Vigiar e punir*, de Foucault, é bastante esclarecedor.

Convém explicitar ainda que **estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).**¹⁴

Note-se que a psicanálise não comparece aí como um “quarto termo” do quadro geral proposto, mas como algo que atravessa os campos anteriormente mencionados. Mais ainda, ela os atravessa na medida em que articula, através de sua teoria da subjetividade, os campos referidos. No entanto, parece-me que não é trivial indagar: a que psicanálise se refere Pêcheux e o que se pode entender por uma teoria da subjetividade a partir da Psicanálise?

Para finalizar, talvez não fosse excessivamente simplista dizer que, então, o que caracteriza a AD, em um certo momento de sua teorização, é uma aliança teórica entre linguística, marxismo e psicanálise, que se prolonga e que procura se articular sem absorção de um lado pelo outro. No entanto, não se pode deixar de perceber que continua o pressuposto materialista fundamental de que a História é um processo sem sujeito, nem fim, cujo motor é luta de classes. A questão que se coloca basicamente é como considerar a (re)leitura althusseriana de Marx e o desenvolvimento de Pêcheux do projeto de Althusser em uma teoria materialista dos processos de significação atravessada por uma noção psicanalítica do sujeito.

Justificando o apelo à figura da interpelação (“teatrinho teórico”, frisa Pêcheux), o autor salienta algumas vantagens, sendo a primeira delas a de que o conceito de interpelação torna palpável o vínculo entre os Aparelhos Repressivos e Ideológicos de Estado e o sujeito ideológico; além disso, a interpelação “*tem a segunda vantagem de apresentar esse vínculo de tal maneira que o teatro da consciência (eu vejo, penso, falo, vejo você, falo com você etc.) é observado dos bastidores, do lugar em que se pode depreender o fato de que se fala do sujeito, e de que se fala ao sujeito, antes que ele possa dizer: ‘eu falo’*” (PÊCHEUX, 1982, p. 149). Por fim, a interpelação indicaria, pela relação entre indivíduo/sujeito, o momento em que o sujeito é chamado a existir:

na verdade, a tese ‘a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos’, quer dizer, a rigor, que o ‘não-sujeito’ é interpelado-constituído como sujeito pela ideologia. Pois bem, o paradoxo está precisamente em que a interpelação tem, por assim dizer, um efeito retroativo, o que

¹⁴ Pêcheux & Fuchs, *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*, pg. 163/164. Os grifos são nossos.

resulta em que todo indivíduo é ‘sempre-já sujeito’ (PÊCHEUX, 1982, p. 150).

Além disso, Pêcheux frisa que, com relação ao vínculo entre ideologia e inconsciente, há ainda um trabalho a fazer, dada a hiante ausência de uma articulação teórica bem elaborada entre ideologia e inconsciente [...] permitam-me apenas ressaltar que o traço comum a essas duas estruturas [...] é o fato de elas operarem ocultando sua própria existência, produzindo uma rede de verdades ‘subjetivas’ evidentes, com o ‘subjetivas’ significando, aqui, não que afetam o sujeito, mas em que o sujeito se constitui.¹⁵

De fato, em outro texto, Pêcheux é mais explícito: “*a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente*”¹⁶. Por outro lado, é Pêcheux mesmo quem indica que, no tocante à Tríplice Aliança, “*alguma coisa não ia bem (logo, e simultaneamente, ia, sem dúvida, bem demais)*”¹⁷. E, continua Pêcheux, algo não ia bem na relação com a Psicanálise, como se o que foi dito do sujeito pudesse ser confundido com um ego dotado de uma capacidade de síntese unificadora. Diz o autor: “*levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em Les Vérités de La Palice*”¹⁸. De qualquer modo, Pêcheux já havia notado que a sustentação intelectual de uma teoria materialista do discurso supunha um trabalho incessante de reconfiguração de seu próprio lugar no interior da dita aliança. Ainda no mesmo texto, o autor assume de modo ousado a questão do futuro dessa aliança: “*eu tomo partido pelo fogo de um trabalho crítico, que, muito provavelmente, acabará por destruir a cidadela da Tríplice Aliança, [...] embora haja, ao mesmo tempo, a possibilidade de que, por essa via, algo novo venha a nascer – contra o fogo incinerador que só produz fumaça*”¹⁹. Avançando quanto à articulação entre as diferentes regiões que habitam a análise de discurso, Pêcheux formula duas conclusões que me parecem orientadoras e fundamentais: “*se, na história da humanidade, a revolta é contemporânea à extorsão do*

¹⁵ Pêcheux, *Semântica e discurso*, pg. 148.

¹⁶ Pêcheux, *Só há causa daquilo que falha*, publicado no Brasil como anexo a *Semântica e discurso*, pg. 301.

¹⁷ Idem, pg. 293.

¹⁸ Idem, pg. 300.

¹⁹ Idem, pg. 294.

*sobre-trabalho é porque a luta de classes é o motor dessa história*²⁰. E, ainda: “*e se, em outro plano, a revolta é contemporânea à linguagem, é porque sua própria possibilidade se sustenta na existência de uma divisão do sujeito, inscrita no simbólico*”²¹.

Aqui, talvez caiba uma consideração a ser feita, apoiada justamente na conclusão de Pêcheux, que algo falha na relação da análise de discurso com a Psicanálise, e talvez fosse interessante introduzir duas questões que, parece-nos, devem ser levadas em conta: a primeira delas é a de que, de um ponto de vista psicanalítico, o sujeito do inconsciente não se deixa recobrir pelo processo discursivo de produção do sentido. Ao contrário, é apenas quando algo do sentido se quebra, se interrompe, que podemos ficar seguros de estar diante de uma formação do inconsciente. Como diz Lacan (1964, p. 30), “*tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela*”. Ainda é Lacan (1964, p. 32) quem afirma: “*o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito*”. Penso que é essa consideração que leva Pêcheux a afirmar, e é este o segundo ponto que quero destacar, que “[...] *o non-sens do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar*”, nunca é inteiramente:

recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto, porque o tempo da produção e o do produto não são sucessivos como para o mito platônico, mas estão inscritos na simultaneidade de um batimento, de uma ‘pulsação’ pela qual o *non-sens* do inconsciente não pára de voltar no sujeito e no sentido que nele se pretende instalar.²²

Desse modo, Pêcheux passa a pensar a interpelação como um ritual com falhas, retorno do *non-sens* no sentido, o inconsciente como “*a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura*”²³.

Ao longo de sua trajetória intelectual, Michel Pêcheux constantemente fazia referência ao pensamento lacaniano na construção do objeto teórico complexo e contraditório que até hoje move nosso desejo: o *discurso*. Se em alguns momentos Pêcheux é mais explícito e chega a definir o lugar específico que a psicanálise ocuparia no projeto teórico-analítico da Análise de Discurso, como por exemplo no texto de 1975, “*A propósito da análise automática do*

²⁰ Idem, pg.302.

²¹ Idem, ibidem.

²² Idem, pg. 300, grifos do autor.

²³ Idem, ibidem.

discurso: atualização e perspectivas”, em outros momentos, como em 1978 (“*Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*”), as referências se situam mais na ordem do implícito, como afirma Mariani (2010) – a começar pelo título do próprio texto²⁴.

De qualquer modo, a relação de Pêcheux com o pensamento de Lacan não segue uma linha de progressão nítida que pudesse indicar uma região precisa e tomadas de posição definitivas. Ao mesmo tempo, isso não indica, como às vezes se ouve, que a leitura de Lacan por parte de Pêcheux seria uma leitura malfeita, lacunar e deliberadamente vaga. Não é pela via de uma qualificação cognitiva que estaríamos mais perto de entender a posição que Lacan ocupava na construção da disciplina pela qual Pêcheux se esforçava em indicar o lugar em meio aos pontos de contato (e de afastamento) entre o materialismo histórico, a psicanálise e a linguística. Na verdade, não se trata de qualificar (ou desqualificar) a leitura que Pêcheux faz de Lacan, mas de flagrar os momentos em que algo dessa leitura pode ser extraído e compreendido enquanto tomada de posição com relação ao campo da psicanálise.

Na verdade, o modo como a psicanálise comparece na obra de Pêcheux é sinal de conflitos, angústias, aproximações e distanciamentos que marcam momentos distintos da elaboração do conceito de discurso em suas relações com a língua, a história e o inconsciente. Tais momentos distintos tem uma ligação forte com a conjuntura política que permeia os textos de Pêcheux, bem como com as contradições que tais relações produzem, ao colocar em contato regiões em que o diálogo se faz difícil, campo minado de conjunções e disjunções.

O que deve ser ressaltado é que o espaço por onde Pêcheux se movia era um espaço pedregoso e ao mesmo tempo incontornável, isto é, levar a sério que houve Saussure, houve Marx, houve Freud. Considerar, portanto, que não é possível falar do discurso sem levar em conta que “*Há um real da língua. Há um real da história. Há um real do inconsciente*”²⁵.

Como salienta Pêcheux, levar em conta esses reais, e, mais ainda, procurar extrair o que se pode de suas relações, não pode nos levar a uma posição totalizante: “*essa tripla asserção, em que se*

²⁴ A esse respeito, cf. Plon (2005).

²⁵ Pêcheux, *Matérialités discursives*, pg. 11: “Il y a un réel de la langue. Il y a un réel de l’histoire. Il y a un réel de l’inconscient”.

*manifesta um relacionamento problemático ao real, exclui imediatamente que uma posição teórica venha organizar seu dispositivo de respostas*²⁶. Respostas que, historicamente, se caracterizam por ignorar justamente a materialidade da língua, como ainda afirma Pêcheux²⁷.

Consideramos, portanto, que de 1978 a 1981 (ano em que se publicam tanto *A língua inatingível* quanto *Materialidades Discursivas*) se produz uma modificação no modo como Pêcheux mobiliza as relações entre Freud, Marx e Saussure, isto é, entre a leitura lacaniana de Freud, a leitura althusseriana de Marx, e sua própria leitura de Saussure. Se em 1978 ainda é possível falar em uma “retificação”, em 1981 uma posição que pudesse unificar os problemas que tais autores colocam é excluída de antemão. Como enfatiza Denise Maldieder, “o percurso de Michel Pêcheux deslocou alguma coisa”²⁸. Alguma coisa que nos coloca nos limites do que é suportável pensar: “*de uma ponta à outra, o que ele teorizou sob o nome ‘discurso’ é o apelo de algumas ideias tão simples quanto insuportáveis: o sujeito não é a fonte do sentido; o sentido se forma na história através do trabalho da memória, a incessante retomada do já-dito; o sentido não pode ser cercado, ele escapa sempre*”²⁹. Assim, da maquinaria estrutural dos primeiros trabalhos do grupo de Pêcheux, em que o assujeitamento assumia a forma de uma identificação plena do sujeito com seu discurso, passamos à consideração de que todo ritual possui falhas e que, mais ainda, que a língua mesma é aberta à falha.

Da Tríplice Aliança à Tripla Asserção, passamos do investimento em uma conjunção para a aposta numa ligação-desligamento, que pressupõe “*que não há uma teoria do discurso que possa abarcar a heterogeneidade do real. A disposição linear dessa tripla asserção, ao mesmo tempo ligada e separada pela pontuação, assinala os limites e as fronteiras materiais entre as disciplinas aí convocadas a se pronunciar sobre esse objeto que as perpassa: o discurso*”³⁰. Deslocamento, portanto, que assinala uma posição de entremeio, e não mais de totalização.

²⁶ Idem, ibidem. “Cette triple assertion, où se manifeste un rapport problématique au réel, exclut d'emblée qu'une position théorique vienne y organiser son dispositif de réponses”.

²⁷ Idem, ibidem. “il s'agit plutôt de résister au système des fausses réponses contournant la matérialité de ce qui est en-jeu dans la langue”. O próprio Lacan (1973, pg. 552) também já havia se posicionado: “(...) o freudo-marxismo é um imbróglio sem saída”, talvez pelas mesmas razões.

²⁸ Maldieder, *A inquietação do discurso*, pg. 96.

²⁹ Idem, ibidem.

³⁰ Carvalho, *O sujeito no discurso: Pêcheux e Lacan*, pg. 170, grifos do autor.

No início de seu texto, Gadet & Pêcheux perguntam: “o que, então, a *linguística fora*clui no interior de si mesma?”³¹. Trata-se de uma boa pergunta também para nós, analistas de discurso. O conceito de gozo, incluído em *lalíngua*, não aparece em nenhum momento mobilizado no texto de Pêcheux... Assim como nenhuma referência à teoria dos discursos em Lacan, enfatizada por este como uma teoria em que se trata de “*um discurso sem palavras*”³². Ora, uma leitura possível dessa questão em Lacan é a de que se trata de uma abordagem psicanalítica que alcança o social, na medida em que, como enfatiza Dunker (2014), “a partir da importação das ideias de Althusser sobre os *aparelhos ideológicos*, convertidos em *aparelhos de gozo*”³³, Lacan “*integra elementos da teoria althusseriana da linguagem em sua própria concepção de discurso*”³⁴. Essa concepção, a nosso ver, traz como elemento central da relação entre discurso e sujeito a questão do desejo e do gozo, relação essa que integra algumas abordagens discursivas no Brasil.

De qualquer modo, o que talvez deva ser pensado aí é a natureza do investimento, em Pêcheux, na relação entre o impossível e a contradição³⁵. Este “*ponto em que a língua atinge a história*” é também o ponto em que Marx, Freud e Saussure se unem, separando-se. É também o ponto em que, como dizia Benveniste a propósito de Saussure, Pêcheux ficou sozinho com seus problemas.

Citando ainda uma vez mais Pêcheux, quando este diz que devemos “*aceitar abalar a religião do sentido que se separa o sério (o útil, o eficaz, o operatório) do ‘sem sentido’, reputado perigoso e irresponsável*”³⁶, encerramos indicando que este lugar é o ponto em que Materialismo Histórico, Psicanálise, Linguística e Análise de Discurso poderiam reconhecer em suas faces algo *estranho* e ao mesmo tempo *familiar*...

³¹ Idem, pg. 19.

³² Lacan, *O avesso da psicanálise*, pg. 10-11: “Ocorreu-me com muita insistência no ano passado distinguir o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras”. Grifo do autor.

³³ Dunker, *Lacan e a Análise de Discurso*, pg. 159.

³⁴ Idem, pg. 164.

³⁵ Avançamos algumas considerações sobre essa relação em Zoppi Fontana, 2009.

³⁶ Pêcheux, *Delimitações, inversões, deslocamentos*, pg. 20.

ANEXO

Grupo de Trabalho em Análise do Discurso (GT em AD) – ANPOLL

<http://www.labeurb.unicamp.br/anpoll/>

Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) - Universidade Federal Fluminense

<http://www.uff.br/las/>

Laboratório EL@DIS - Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)

<http://dcm.ffclrp.usp.br/eladis/>

Laboratório CORPUS - Universidade Federal de Santa Maria

<http://corpus.ufsm.br/>

Laboratório de Estudos Urbanos (LABEORB) - Universidade Estadual de Campinas

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Laboratório LABEDISCO - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

<http://www2.uesb.br/labedisco/>

Revista RUA – Universidade Estadual de Campinas

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/index.rua>

Revista Estudos da Língua(gem) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

<http://estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem>

Revista Língua(gem) em Discurso - Universidade do Sul de Santa Catarina

http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso

Entremeios (revista de estudos do discurso) – Universidade do Vale do Sapucaí

<http://www.entremeios.inf.br/>

Encontro de Estudos da Linguagem (ENELIN) – Universidade do Vale do Sapucaí

<http://www.cienciasdalinguagem.net/#!enelin/c10eu>

Seminário de Estudos em Análise de Discurso (SEAD) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/sead/>

Colóquio Internacional de Análise de Discurso (CIAD) - Universidade Federal de São Carlos

<http://www.ppgl.ufscar.br/ciad/>

Fundo Michel Pêcheux – LABEURB/UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/home/lerArtigo.lab?id=50>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDINI, L. J. S. (2013) “Sujeito e subjetividade: psicanálise e análise de discurso”. In: PETRI, V., DIAS, C. (Org.). *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013, v. 1, p. 191-202.

BALDINI, L. J. S. (2012) “Lalíngua inatingível”. In: MARIANI, B; ROMÃO, L. M. S; MEDEIROS, V.. (Org.). *Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 63-76.

CARVALHO, F. Z. F. (2008) *O sujeito no discurso: Pêcheux e Lacan*. Belo Horizonte: UFMG. Tese de Doutorado inédita. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ARCO-7F2RJQ>

DUNKER, C. I. L. (2014) “Lacan e a Análise do Discurso”. In: BALDINI, L. J. S., ABRAHÃO E SOUSA, L. M. *Discurso e sujeito: trama de significantes*. São Carlos: EduFSCar, 2014.

FERREIRA, M. C. L. (2003) “O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil”. In: *Revista Letras, número 27*. Santa Maria: UFSM, Julho / Dezembro de 2003.

GADET, F., PÊCHEUX, M. (1981) *A língua inatingível*. Campinas: Pontes, 2004.

LACAN, J. (1964) *O Seminário, livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª edição, 1985.

LACAN, J. (1969-70) *O seminário, livro 17 – O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. (1973) “Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MALDIDIER, D. (2003) *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes.

MARIANI, B. S. C. (2010) “Textos e conceitos fundadores em Michel Pêcheux: uma retomada em Althusser e Lacan”. In: *Alfa*, São Paulo, 54 (1): 113-127, 2010.

MONTAG, W. (1995) “El alma es la prisión del cuerpo. Althusser y Foucault, 1970-1975”. In: *Youkali – revista crítica de las artes y el pensamiento*, número 8, tierradenadie ediciones, S.L., dezembro de 2009.

ORLANDI, E. P. (1992) *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 6ª edição, 2007.

ORLANDI, E. P. (2005) “A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: O Brasil”. In: Anais do I Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD). Disponível online em <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>>

ORLANDI, E. P. (org.) (2011) *Análise de discurso: Michel Pêcheux (textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi)*. Campinas: Pontes, 2011.

ORLANDI, E. P. (2012) *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. (1975a) “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas”. In: GADET, F., HAK, T. (orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 3ª edição, 1997.

PÊCHEUX, M. (1975b) *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. (1977) « Remontons de Foucault à Spinoza » In: MALDIDIER, D. *L'inquietude du discours*. Paris, Éditions des Cendres, 1990.

PÊCHEUX, M. (1978a) “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”. In: *Semântica e Discurso*

– *Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. (1978b) “As massas populares são um objeto inanimado?”. In: ORLANDI, E. (org.) *Análise de Discurso Michel Pêcheux (textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi)*. Campinas: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, M. et al. (org). (1981) *Matérialités discursives*. Lille: Press universitaires de Lille.

PÊCHEUX, M. (1982a) “O mecanismo do desconhecimento ideológico”. In: ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

PÊCHEUX, M. (1982b) “Delimitações, Inversões, Deslocamentos”. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP/IEL, v. 19, p. 7-24, 1990. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/viewFile/3011/2492>>

PÊCHEUX, M. (1984) “Metáfora e interdiscurso”. In: ORLANDI, E. P. (org.) (2011) *Análise de discurso: Michel Pêcheux (textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi)*. Campinas: Pontes, 2011.

PLON, M. (2005) “Análise do discurso (de Michel Pêcheux) vs análise do inconsciente”. In: INDURSKY, F., LEANDRO FERREIRA, M. C. *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz.

ZOPPI FONTANA, M. (2005) “Objetos paradoxais e Ideologia”. In: *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista:UESB, n.1, pp. 41-59. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/8/12>>

ZOPPI FONTANA, M. (2009) O acontecimento do discurso na contingência da história. In: FERREIRA, M.C. & F. INDURSKY (org.) *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, p. 133-146. Disponível em:

<<http://pt.scribd.com/doc/100920841/o-Discurso-Na-Contemporaneidade-Indursky-f-Ferreira-m-c-l-Mitmann-s>>

ZOPPI FONTANA, M. (2013) “Presentación: Análisis del discurso em Brasil: Teoría y práctica”. In: *Signo y Señal*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras (UBA), número 24, pp. 3-9 Disponible em: <<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/132>>